

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1924, aos 48 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de oratória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1912), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou como bibliotecário na biblioteca do estado (atual) e também se dedicou ao magistério em cursos de Direito, Letras e do Ginásio Artístico. Em Recife, em 1912, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense, como a *Revista da Imprensa* e o *Diário da Manhã*. Foi também autor de obras de ficção e de estudos literários. Sua obra poética é bastante rica e abrange diversos gêneros literários.

ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Tese de doutorado em Letras, apresentada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, sob a orientação do Prof. Dr. João de Deus, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998. Quando foi eleito presidente do conselho, organizou a primeira reunião da Academia Cearense de Letras. Com a ajuda de Leonardo Melo, organizou a primeira edição do *Boletim da Academia Cearense de Letras*, ocasião em que o poeta de Aquidauana foi homenageado com o nome de Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAMAPÉ

LEONARDO MELO
1998

Vence a Fúria e o Desejo,
Que se iluminam de luz,
Das cinzas do Proconceito
Recupera novos horizontes,
Trazendo a fim a unidade,
Magnanimo à Legalidade,
Que tem a sombra e não tem luz,
Que um povo que se redime,
É um exemplo sublime,
Que a Féria à Glória conduz.

O céu se veste de estrelas,
A terra de luz e flores,
O sol se adorna das pássaros.

HENRIQUETA GALENO

Henriqueta Galeno nasceu em Fortaleza e faleceu na mesma cidade no dia 10 de setembro de 1964. Bacharel em Ciências e Letras, foi professora de História do Brasil do Liceu do Ceará e de Literatura da Escola Normal. Graduiu-se pela nossa Faculdade de Direito, em 1918, sendo nomeada procuradora da capital e, a seguir, inspetora de ensino estadual.

Filha do poeta Juvenal Galeno, o pioneiro da poesia popular no Brasil, fundou em 1919 o Salão Juvenal Galeno (depois Casa de Juvenal Galeno) que, além de cultuar a memória do pai, deu um grande estímulo aos homens de letras. Em 1936, criou a Ala Feminina da Casa com o objetivo de congregar as escritoras, poetisas e mulheres que cultivavam as letras e as artes no estado. Foi ensaísta e poetisa, deixando estudos dispersos nos jornais e revistas do Ceará sobre mulheres ilustres brasileiras. No ano seguinte a sua morte, esses trabalhos foram reunidos e publicados sob o título de *Mulheres admiráveis*, 1965. Publicou: *Henriqueta Galeno no Congresso Feminino e na Academia Carioca de Letras; Juvenal Galeno, o legítimo criador do popularismo literário no Brasil; Júlia Lopes de Almeida; Maria Quitéria, a primeira mulher-soldado do Brasil*. Deixou inédito: *Força indômita* (versos).

Pertencia à Academia de Letras do Ceará e ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 10 de maio de 1951, por ocasião da fusão dos dois sodalícios. Ocupou a cadeira número 23, cujo patrono é Juvenal Galeno.

FORÇA INDÔMITA

*Por muito tempo reprimi a inspiração
que, de contínuo, me impelia,
em surtos de beleza e de emoção,
para o caminho iluminado da Poesia.*

*Minha alma cheia de enternecimento,
temia alçar o vôo, em cânticos de amor,
para um mundo referto de esplendor,
e as impressões subjetivas de sua vida tumultuosa,
que em água-forte gravara,
e as impressões objetivas de alheio tormento
que a comoveram e exaltaram,
bem alto traduzir num canto inaugural
de dolorosa queixa e de revolta imensa!*

*No meu subconsciente tudo dormitava
num receio pueril, num temor natural.*

*Mas de repente minha alma irrompe com fragor
impulsionada por atávica Força Indômita
que me obriga a cantar,
em horas de alegria, instantes de aflição
os versos simples, tristes e espontâneos
da minha grande e lírica emoção!*

DIA DE SANTA LUZIA

Dia de Santa Luzia.

*Depois da missa fui abrir aquele cofre
em que, há muitos anos, se escondia
toda a correspondência,
que outrora perfumou certa existência.*

*Tomei nas mãos aquele velho escrínio
com a calma indiferente
de quem não sente
a mais simples e pálida emoção.
E ao rever tudo aquilo,
que noutro tempo via
com verdadeira devoção,
na alma senti os transe da agonia.*

Como a sorte transmuda o coração!

*Ah! como é terrível o tempo
na sua faina destruidora!
- Até mesmo certas cartas afetuosas
já não têm para nós o perfume das rosas.
O tempo as reduziu a leve poeira,
para amargar uma existência inteira...*

*Hoje, Santa Luzia,
no teu dia
fui abrir aquele cofre,
que há tanto tempo não via.
E que nele encontrei?
- Alguns vestígios do passado!
Todo um romance esquecido,
todo um romance acabado.*

FONTE: ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, ORG. *ANTOLOGIA CEARENSE: I SÉRIE*. FORTALEZA: IMP. OFICIAL, 1957. P. 162, 163.